



CRUEL FANTASIA

Chovia. Ainda era dia, mas não conseguia mais ver o sol, pois as nuvens o escondiam de meus olhos. As ruas fediam ao cheiro de peixe podre misturado à urina dos desabrigados e ao doce aroma do vinho francês. Tudo naquela cidade me enojava, mas também me provocava mistério e adoração.

Ao perambular pelas ruas, deparava-me com um sem número de cabarés, e as cortesãs seduziam os tolos homens com apenas um olhar. O que neles produzia êxtase, em mim era fruto de pena... Uma vez neste meio, dele as pobres garotas não saíam jamais. E eu era invisível para tais olhos.

Com o passar do tempo, a chuva diminuía, à medida que o dia dava lugar à noite. Não sabia para onde iria, nem me lembrava mais do porquê de ter saído, primeiramente. Mas eu teria de continuar andando.

Enquanto as ruas se tornavam mais vazias, eu refletia sobre o que fazer ao chegar a casa. Sim, lembrei o porquê de ter saído às pressas duas horas atrás... E teria de voltar para certificar-me de que o acontecido era real, não somente uma história fantasiosa de minha mente, como as muitas outras que criei.

Consegui chegar ao meu apartamento e, ao abrir a porta, descobri que tudo continuava da mesma maneira de quando saíra. Livros e roupas jogados no chão guiaram-me para o quarto, onde agora observava com calma a bela cortesão de cabelos vermelhos que ocupava minha cama, com um fio de sangue escapando de sua boca, combinando com as manchas que havia no lençol. E, aos pés dela, encontrei meu corpo, ainda segurando a arma, agarrado à minha última, e mais bela, cruel fantasia.